

Manuel Vieira, o único dos 18 pioneiros da emigração para o Canadá ainda vivo, recorda a aventura



POR RÔMULO ÁVILA,
CORRESPONDENTE EM TORONTO

Evaristo Almeida, José da Silva, José Bento, António Couto, Constantino Carvalho, Manuel Machado, Guilherme Cabral, Jaime Pacheco, Armando Vieira, Afonso Tavares, Énio Vasconcelos, João Martins, Manuel Arruda, Manuel Vieira, Vasco Moreira, José Martins, Manuel Pavão e Vitorino Castro são os primeiros 18 açorianos que chegaram ao Canadá, no dia 13 de Maio de 1953, sendo por isso considerados os pioneiros, juntando-se aos 67 portugueses do continente português que “abriram as portas canadianas a Portugal”.

Neste contexto, e inserido no programa da comemoração dos 70 anos da emigração portuguesa para o Canadá, o Comité Organizador promoveu um almoço comemorativo no domingo (7 de Maio), evocando a marca açoriana em todo o processo de integração que começou há sete décadas.

No almoço comemorativo, que teve como pano de fundo uma importante angariação de fundos para a Instituição de Caridade Magalhães, responsável pelo futuro lar de idosos português, foi exibida uma exposição fotográfica “Quando eu parti para o Canadá”, patrocinada pelo Museu da Emigração Açoriana.

Conjuntamente, foi lançado o livro “Açores-Canadá”, da autoria de Eduardo Medeiros, cabendo a apresentação ao professor José Carlos Teixeira, que considerou a obra “como sendo um importante contributo para o estudo da comunidade açoriana chegada e inserida no Canadá. É um ponto de partida que faltava, pois os estudos de investigação nesta área não são muitos”.

O autor da obra, um jovem de apenas 26 anos, realçou que este livro quer ser uma “ajuda na tentativa de perceber melhor, estudar melhor, informar melhor toda a relação entre os Açores e o Canadá”.

“Posso resumir o meu trabalho numa única palavra: Sacrifício. Sacrifício por deixarem a terra natal, um sacrifício ao cá chegar, um sacrifício lá para as suas famílias. Sacrifício por enfrentar uma língua diferente, numa era totalmente diferente da de hoje”, disse Eduardo Medeiros.

Um dos momentos nobres desta “festa açoriana” estava reservado a Manuel Vieira.

O único dos 18 pioneiros açorianos que está vivo e foi homenageado, quer pelo Director Regional dos Açores das Comunidades, José Andrade (presente no evento), quer pela organização, tendo recebido, de pé, a maior ovação da tarde.



Manuel Vieira, agora com 95 anos, lembra o passado de “luta, de sofrimento, de exploração, mas também de gente boa que encontrou pelo caminho”.

Em conversa com a nossa reportagem, visivelmente emocionado confessou: “Todos tivemos momentos mais felizes e outros muito tristes, sentimos na pele a falta da família, da esposa, dos filhos, das nossas ilhas, mas quero pedir a todos, os que estão cá e os que agora vão chegando, que nunca se esqueçam do importante passo que nós demos, fomos os primeiros, não os últimos, e façam sempre por dar orgulho quando se disser a palavra Açores”.

O pioneiro, em lágrimas, lembramos o sábado da festa do Sr. Santo Cristo de 1953, dizendo que foi “Ele que deu força aos 18 homens para começarmos o caminho, num caminho em que nada conhecíamos”.

Subiu também ao palco para uma curta declaração Judite Teodoro, ela que trabalha em processos que envolvem os emigrantes, que ajuda e facilita na resolução de problemas dos luso-canadianos com “ligações aos Açores”.

A advogada asseverou que “tem um enorme orgulho em ser filha de um dos pioneiros açorianos. É preciso sair de Portugal para sentir Portugal, um país pequeno na sua dimensão geográfica, mas grande na sua dimensão humana e a diáspora portuguesa e açoriana é do tamanho do mundo”.

Judite Teodoro, sendo mulher, lembrou, em palco, que nesse domingo era o dia do amor maternal em Portugal, e por isso lembrou a sua mãe, “mas também todas as mães que ficaram a cuidar de nós, das casas e das terras, para gerir com cuidado o que o meu pai ganhava e nos mandava. A elas também se deve a história da emigração portuguesa”.

Por seu turno, o Conselheiro da Diáspora Açoriana do Ontário, Matthew Correia, caracterizou o evento como “sendo muito especial”.

“Estamos aqui reunidos, porque temos em comum um amor a uma terra muito especial para nós, o nosso Portugal. Mas também passamos a aceitar uma nova pátria, uma terra que nos deu, pelo trabalho dos nossos pais ou avós, uma oportunidade, uma nova e melhor vida. Seremos sempre amantes de duas terras, uma que sen-



tiremos sempre saudade e vontade de visitar, outra que sabemos que nos trouxe, a nós filhos e netos, uma vida e uma perspectiva que os nossos antepassados não puderam encontrar na sua terra natal”.

Um dos rostos da organização do almoço comemorativo açoriano frisou que “estes pioneiros ficarão para sempre na história, não só por terem sido os primeiros, mas pelo que depois fizeram. Estes homens não esqueceram a sua terra e as suas próprias dificuldades no Canadá. São para nós um exemplo e merecem reconhecimento. Por terem ajudado centenas e centenas de homens e mulheres a terem as condições mínimas para começar uma nova vida neste país. Por terem contribuído para que o nosso folclore, a música, as tradições, a gastronomia, as nossas festas e o nosso associativismo sejam ainda hoje uma marca no Canadá”, frisou Matthew Correia.

Por último, mas não menos importante, refira-se a intervenção de José Andrade, Director Regional das Comunidades, que, no evento, representou o Presidente do Governo dos Açores: “Podia fazer-vos um discurso político, mas prefiro trazer-vos um abraço açoriano. Quero colocar-me ao vosso lado, no vosso lugar, e partilhar convosco um sentimento comum. Quero convosco viver o espírito do emigrante, quando a gente sai da ilha... mas a ilha não sai da gente. Aqui, a nossa bandeira é vermelha e branca, mas também é verde e vermelha ou ainda azul e branca. Vivemos com os pés bem assentes no Canadá, a cabeça em Portugal, o coração nos Açores. Sentimos falta das pequenas coisas que fazem grandes diferenças: o cheiro do mar, a passagem das vacas, o canto dos romeiros, a roqueira que anuncia o quinto touro, a massa sovada do Espírito Santo, o olhar da Imagem do Senhor Santo Cristo. Aqui, somos felizes, mas não somos completos. Temos sempre saudade de algo ou de alguém. Compensamos

a distância com as nossas tradições, com a nossa cultura, com a nossa língua, com a nossa fé. Somos canadianos de pleno direito, mas também somos portugueses e, em muitos casos, portugueses dos Açores, açorianos de cabeça erguida. Temos orgulho de ser o que somos.

Quando estamos aqui, chamamos portugueses. Quando vamos lá, somos canadianos. Mas isso é bom. Assim, cada um de nós vale por dois”, sublinhou José Andrade.

O Director Regional avivou que “no nosso coração açoriano cabem bem os dois países que tanto amamos. Portugal e Canadá estão unidos há 70 anos por um pacto de sangue - o sangue português que nos corre nas veias canadianas até chegar aos nossos filhos. Queremos que os nossos netos sejam ainda melhores do que nós - cidadãos canadianos reconhecidos e respeitados - mas queremos também que conheçam a nossa terra, que falem a nossa língua, que gostem de ser como somos. É possível ser canadiano sem deixar de ser português. A melhor homenagem que podemos fazer aos pioneiros portugueses que desembarcaram do Surtina no Porto de Halifax, a 13 de maio de 1953, é continuar a demonstrar, sempre e cada vez mais, que o seu esforço não foi em vão, que valeu a pena abrirem caminho, que seguimos em frente para chegarmos mais longe, afirmando a nossa cidadania, dignificando a nossa identidade. Como se fossemos a viola de dois corações, que junta e não separa”.

Para terminar o evento, vinda dos Açores, a personagem Tia Maria do Nordeste animou as mais de 400 pessoas presentes na “tarde açoriana”.

No cair do pano da celebração, estiveram em palco Miguel Domingos, Carlos Borges e Henrik Cipriano, artistas bem conhecidos na comunidade luso-canadiana pela sua elevada qualidade e versatilidade musical.

“Viva aos Açores”, eram palavras repetidas mesa a mesa.